

## O *vis-à-vis* com o animal que logo somos: entre linhas, versos e tintas...

Ângela Guida<sup>1</sup>

### Resumo:

Há muito que já não é privilégio e/ou exclusividade ouvir falar do animal a partir de laboratórios ou de centros de pesquisas de biologia, zootecnia e afins. Campos de estudo que até então se debruçavam sobre outras questões têm, ao longo dos últimos anos, dedicado especial atenção à temática da animalidade. Falo, por exemplo, da literatura, da filosofia, das artes em geral. A animalidade se converteu em mote de discussão e profícua reflexão acerca de saberes outros que não se restringem ao humano. Um nome que se tornou emblemático nesses estudos foi Jacques Derrida, que, sobretudo, com a publicação de *O animal que logo sou* nos convocou a pensar o animal e a nossa condição de viventes humanos a partir do ponto de vista do outro, do completamente outro – o animal. Nessa obra, o filósofo interroga toda tradição filosófica pautada no antropocentrismo, que acredita, entre outros equívocos, que a linguagem é exclusividade do humano e, talvez, por isso, o animal seja pobre de mundo, uma vez que se encontra privado de linguagem. É a partir da palavra-conceito *animot*, bem como dos *Animal Studies*, que pretendo ler obras artístico-literárias e discutir por que razão a animalidade tem se convertido em interesse de pesquisa fora de centros de zoonoses e de laboratórios de pesquisas. Por que razão o humano está se deixando olhar pelo animal? Que implicações essa nova postura traz nas relações entre humanos e animais? Reitero que minhas reflexões, nesta proposta de trabalho, incidem, prioritariamente, sobre o diálogo com obras do universo artístico-poético-filosófico, pois, como bem observa Derrida, o pensamento do animal cabe à poesia. Por Poesia, aqui, leia-se as manifestações artísticas de toda natureza.

**Palavras-Chave:** animalidade; humano; transdisciplinaridade; *animot*; *animal studies*.

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e Educação Matemática [Mestrado e Doutorado] da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande – Mato Grosso do Sul – Brasil. [angelaguida.ufms@gmail.com](mailto:angelaguida.ufms@gmail.com)

*Coloco em suspeita a denominação “Animal” no singular, como se houvesse o Homem e o Animal simplesmente, como se o conceito homogêneo de O Animal pudesse se estender, de maneira universal, a todas as formas do vivo não humano.*

— Jacques Derrida

### **Espirais em torno de uma palavra-conceito**

No cotidiano, é comum ouvir a expressão – “você é um animal” – para se referir a uma pessoa a quem se deseja, de alguma forma, diminuir, ou seja, usa-se a palavra animal como uma espécie de rebaixamento do humano. O uso de metáforas depreciativas com a palavra-conceito animal tem se revelado frequente e, por conseguinte, corroborado o pensamento antropocêntrico.

Denunciar a miserabilidade do humano fazendo uso da metáfora animal nada mais é que uma grande demonstração de força do antropocentrismo, da supremacia do humano e da subjugação de toda forma de vida que não seja a humana. Por que razão ainda é possível ver nas relações cotidianas e nas manifestações artístico-literárias a degradação humana exposta pela via da metáfora animal? Essa história data de longe... estou falando da doutrina pitagórica da metempsicose, a transmigração das almas para outros corpos. Diz Montaigne (2000) que na metempsicose, além da crença na imortalidade da alma, também havia um componente de justiça divina, uma vez que a escolha dos corpos de animais para onde as almas seriam transportadas dependia da conduta que os humanos haviam tido. Como uma espécie de expiação, as almas seriam aprisionadas aos corpos de animais – “A [alma] que foi cruel no urso, a do ladrão no lobo, a do velhaco na raposa... e depois de ter assim passado por mil metamorfoses, purificadas enfim no rio do Esquecimento, são devolvidas às suas primitivas formas humanas” (Montaigne, 2000, p. 368). O corpo *animal* seria uma forma de castigar os humanos que haviam praticado atitudes pouco nobres. Mais antropocêntrico que isso, impossível...

São Tomás de Aquino em sua *Suma contra os Gentios*, criticava a metempsicose, por acreditar que os animais racionais, ou seja, o humano, tinha uma alma, ao contrário do animal bruto, o animal dito não racional. Para Descartes, a diferença entre humano e animal se dá pela consciência, linguagem e alma, presentes naquele e ausentes neste. O filósofo argumenta que o animal é um autômato e não possui linguagem. Entretanto há pesquisas que contestam, em larga medida, a leitura cartesiana acerca do automatismo animal. O etólogo Dominique Lestel, por exemplo, afirma que o animal é dotado de subjetividade.

Segundo Lestel, o animal é um sujeito constituído de inteligência, pois age e manifesta determinadas reações conforme diferentes situações em seu meio ambiente. É capaz de interpretar sentidos, interpretar o mundo à sua volta, interagir com humanos.” Pratica um modo de existência que coloca a sua receptividade nos significados inteligíveis, ao mesmo tempo que ele próprio cria estes significados aos quais reage de forma inteligente” (Lestel, 2001, p. 208).

Jacques Derrida também interroga Descartes e toda tradição filosófica sustentada na *ratio*, pautada no antropocentrismo, que acredita, entre outros equívocos, que a linguagem é exclusividade do humano e, talvez, por isso, o animal seja pobre de mundo, uma vez que se encontra privado de linguagem, como acreditava, por exemplo, Heidegger. Derrida engendra um desmonte de crenças dessa natureza e nos convida a pensar na animalidade que somos, quer por meio de textos filosóficos, quer por meio de textos artístico-literários, acentuando que não existe animal *versus* humano, posto que dentro da categoria animal, existem muitos animais. Para dar conta deste conceito de diferença e diversidade animal, o filósofo cria a palavra *animot*. “É preciso considerar que existem ‘vivos’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade” (Derrida, 2002, p.77, 87). Fábio Landa, tradutor de *O animal que logo sou* para o português do Brasil, observa que a criação da palavra *animot* obedece ao mesmo princípio dos vocábulos *différence* e *différance* que se distinguem apenas na escrita. *Animot* se pronuncia igual ao plural de animal: *animaux*. Na tentativa de dar conta da pluralidade que circunda o universo dos animais, em *O animal que logo sou*, Derrida desenvolve o conceito de *Animot*. Um conceito engendrado para interrogar conceitos hegemônicos, inclusive, o próprio conceito de animal.

Gostaria que se escutasse o plural de animais no singular: não há o animal no singular genérico, separado do homem por um só limite indivisível. É preciso considerar que existem ‘vivos’ cuja pluralidade não se deixa reunir em uma figura única da animalidade simplesmente oposta à humanidade. Não se trata evidentemente de ignorar ou de apagar tudo o que separa os homens dos outros animais e de reconstituir um só grande conjunto, uma só grande árvore genealógica fundamentalmente homogênea e contínua do *animot* ao *Homo* (*faber, sapiens* ou não sei que outra coisa). Isso seria uma besteira (...). Seria antes preciso, eu o repito, considerar uma multiplicidade de limites e de estruturas heterogêneas: entre os não-humanos, e separados dos não-humanos, há uma multiplicidade imensa de outros vivos que não se deixam em nenhum caso homogeneizar, salvo violência e ignorância interessada, dentro da categoria do que se chama o animal ou a animalidade em geral. Existem logo animais, e digamos o *animot* (Derrida, 2002, p. 87-88).

A cultura ocidental basicamente se estrutura em dualismos e humano *versus* animal é só mais um dos tantos binarismos que aniquilam o pensamento. O animal sempre se fez presente em todas as culturas do Planeta, quer como totens, seres sagrados, seres malignos, símbolos de proteção ou de falta de sorte, nos jardins e quintais, depois dentro das casas... onde há humano, há animal, ainda que a relação seja baseada na subjugação do outro, no caso aqui, do animal. A que se deve esse antropocentrismo além do bem e do mal? Mesmo tendo sido provado que o animal possui linguagem, é ela que parece ainda colocar o animal no seu “devido lugar”. Entre os muitos questionamentos que Derrida faz acerca da animalidade, um deles diz respeito à capacidade de resposta.

O filósofo toma como ponto de partida a palavra *responder* para ampliar o que se convencionou chamar de apenas animal. Uma resposta só é resposta se passar pelos signos da palavra? Não nos é possível dar uma resposta fazendo uso de signos outros que não a palavra? Derrida se interroga a partir de uma queixa que Alice faz no clássico de Lewis Carol, na cena em que a menina reclama que o gato não consegue responder-lhe – “Pois tudo o que me preparo para confiar a vocês tem a ver sem dúvida com o pedir a vocês que me *respondam*, vocês a mim, que me respondam a respeito de o que quer dizer *responder*. E distinguir uma resposta de uma reação” (Derrida, 2002, pp. 23-24). Mas o gato não *respondia* à Alice? Respondia, sim. Uma reação também é uma resposta, claro que com outros códigos mobilizados, mas é uma resposta. Wittgenstein nos lembra que ainda que um leão pudesse falar com o homem, ele não teria capacidade para falar com o leão, porque o que está em jogo na questão da animalidade não é a capacidade de articular palavras, de enunciar um pensamento via um discurso linguístico, mas sim de compartilhar formas de vida dentro de um mesmo jogo de linguagem. O humano se agarra a sua condição antropocêntrica e fecha os olhos a outras formas de vida, a outros jogos de linguagem. A História, ao longo dos tempos, tem nos dado exemplos mais que suficientes de momentos em que a palavra se esvazia por completo, mesmo sendo proferida em alto e bom som, momentos de falência da humanidade do humano, o que nos leva a interrogar junto com Guimarães Rosa “Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem?” (Rosa, 1985, p. 122)

### **O animal sob a perspectiva dos *Animal Studies***

Definir e/ou conceitualizar os *Animal Studies* é um problema, uma vez que não existem postulados demarcados que possam caracterizar o que são tais estudos. Teoria? Filosofia? Ativismo? Crítica artística? Crítica literária? Simpatizantes à causa animal? Um método de leitura? Talvez a melhor forma de responder seja com os versos de Guimarães Rosa “Tudo é e não é” (Rosa, 2006,

p. 18), uma vez que podemos pensar em todas essas definições e, ao mesmo tempo, em nenhuma delas. Mas de tudo, pelo menos uma coisa é certa: as bases dos Animal Studies se encontram ligadas à questão do ativismo direta ou indiretamente, pois não creio que quem não seja simpático ou simpática ao bem-estar animal vá discutir temas dessa natureza. Derrida não foi um ativista no sentido lato da palavra, mas suas reflexões acerca do animal contribuíram muito para a discussão em torno da alteridade animal: “Tenho uma simpatia de princípio por aqueles que têm, me parece, razão, e boas razões, para se erguerem contra a forma como os animais são tratados”. (Derrida, 2002, p. 89)

Quando se pensa o animal como questão, é comum fazer isso sob a perspectiva comparativista em relação ao humano, ou seja, verificar em que medida humanos e animais são semelhantes e/ou dessemelhantes. Montaigne (2000) elaborou um longo estudo comparativo para, ao final, afirmar que, ao contrário do que se pensa, há mais dessemelhanças entre os próprios seres humanos do que entre o animal e o humano. O lado perverso da comparação é que, direta ou indiretamente, se estabelecem hierarquias e não é preciso ser muito esperto para saber quem fica no topo dessa cadeia. Assim, creio que não interessam comparações, sobretudo com o humano, a quem quer discutir teórica, filosófica, literária ou artisticamente o animal como questão. Como bem coloca Derrida, não se trata de dizer que animais e humanos não são diferentes. São sim, com respostas e códigos diferentes. “Claro que existem diferenças irreduzíveis, fronteiras intransponíveis entre tantas espécies de seres vivos. [...] Mas não existe apenas uma única fronteira, una e indivisível, entre o Homem e o Animal” (Derrida, 2004, p. 85). Os *Animal Studies* operam nessas diferenças...

Diferença é uma palavra-conceito importante para os Estudos Culturais, logo há quem vislumbre uma potente aproximação com os *Animal Studies*, na tentativa de explicar este por aquele. Entre os argumentos estão os de que além de a relação do homem com o animal se constituir como uma relação cultural, como nos Estudos Culturais, os animais também enfrentam a questão de estar à margem do pensamento hegemônico. Sem dúvida, faz todo o sentido: independentemente de uma filiação, os *Animal Studies*, mais que qualquer outro campo de estudo, têm conseguido estabelecer uma rede de diálogos com diferentes campos do conhecimento e, com isso, se mostrado como um instrumento de pensamento de inegável importância para discutir a questão animal e, por conseguinte, a questão do humano. Os *Animal Studies* trazem em seu bojo o que me parece muito precioso para qualquer campo de pesquisa, que é o entrecruzamento de muitos saberes e, alguns deles, até bem pouco tempo pareciam,

em certa medida, apartados do universo da literatura ou das artes, a saber, biopolítica, antropologia, etologia, bioética, filosofia, ecologia, biologia, ecosofia, ecofeminismo, ecocrítica, psicologia, história, ativismo, entre outros:

Os *Estudos Animais* vêm se afirmando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos. (Maciel, 2011, p. 7).

Os *Animal Studies*, assim, podemos dizer, constituem-se como um espaço híbrido de saberes e de convivência que trazem como ponto de interseção a presença do animal sob diferentes abordagens e, por conseguinte, uma possibilidade para que se possa repensar o estatuto do humano frente a tantos “desconcertos” de toda ordem pelos quais a humanidade tem passado ao longo dos tempos. Como bem argumenta Dominique Lestel, não há mais espaço para se pensar que o homem é mais importante que o animal, mas sim que ambos compartilham uma vida, ainda que não se tenha em casa um animal de estimação. “A questão importante não é saber como viver com o animal, mas como eu me constituo através do animal e, inversamente, como certos animais se constituem através de mim” (citado por Maciel, 2016, p. 143).

### **Zoopoética ou o animal artístico-poético**

Aproprio-me de zoopoética, termo criado por Derrida(2002) para falar da presença dos animais na obra de Kafka, com o intuito de ler o animal artístico-poético. A literatura é um território fértil para o encontro com o animal. Como argumenta Maciel, “através da literatura é possível traçar a história do animal e de sua relação com os humanos. Desde as fábulas de Esopo, desde os gregos antigos, os animais aparecem na literatura de diferentes maneiras.” (Maciel, 2011, p.18). Ainda que existam muitos exemplos de metáfora animal depreciativa, nos é possível o encontro com linhas e versos em que o animal assume o protagonismo em todos os sentidos. É o caso, por exemplo, de Clarice Lispector.

A escritora brasileira explora a animalidade humana e a humanidade animal em muitas de suas narrativas. Uma animalidade que, como afirma Dominique Lestel, ainda é um problema para nós humanos. Através da ficção, Clarice interroga esses limites sem colocá-los em oposição ou mesmo negá-los. No fragmento a seguir, Clarice, literariamente, afina sua narrativa com o pensamento de Lestel no que diz respeito à crise de identidade humana:

Sim, às vezes sinto o seu grito ancestral dentro de mim: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que parece com medo de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho, sou obrigada a assumir, exigentes como são, que se há de fazer. Pobres de nós. (Lispector, 1984, p. 519).

O homem defronta-se com a maior crise de identidade da sua história. Ele alcançou um conhecimento excepcional da sua biologia no contexto de uma representação enferma daquilo que é, de quem é. Uma forma de repensar a identidade humana consiste em repensar as relações do homem com o animal e, por conseguinte, em repensar este último. [...] O que está em jogo de forma subjacente é algo formidável. Nada mais nada menos do que a identidade do homem como ser humano, ou seja, a questão mais relevante do século XXI. (Lestel, 2001, p. 273-275).

Na poética de Clarice Lispector o animal olha e exerce sua subjetividade. Recordo-me do enigmático conto “O Búfalo”, cujo protagonista (ou seria o búfalo?), sem nome como o animal, vai ao zoológico porque se decepcionou amorosamente e não quer mais amar. Em sua visão turva, acredita que os bichos podem ensiná-la a odiar. “Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar.” (Lispector, 1998, p. 127). No entanto, sua caminhada pelo zoológico quer diante das grades dos pequenos ou dos grandes animais, como o búfalo, só revelam a ela amor. Os olhares dos animais e, em especial do búfalo, são um chamado para a vida e para o amor. “E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos”. (Lispector, 1998, p. 135).

Carlos Drummond de Andrade também abre espaço em seus versos para a passagem do animal. No poema “O boi”, o poeta vislumbra, por exemplo, que humanos e bois compartilham o mesmo sentimento de solidão – o humano a rodar pelos grandes centros urbanos e o boi a campear pelos pastos... Em “Um boi vê os homens”, os versos dizem do olhar que o boi tem do humano, um olhar bovino ora cúmplice, ora piedoso desse humano que parece correr pela vida e pelas cidades sem saber ao certo quem é e o que deseja para si.

O boi

Ó solidão do boi no campo,  
ó solidão do homem na rua!  
Entre carros, trens, telefones,  
Entre gritos, o ermo profundo.  
[...]  
(Andrade, 2007, p.94 )

Um boi vê os homens  
Tão delicados (mais que um arbusto) e correm  
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos  
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros.

Coitados, dir-se-ia não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

[...]

Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem  
perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos  
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que de despedaçam e tombam no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,  
e, difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.  
(Andrade, 2007, p. 252).

Na tela *Boi-society* (figura 1), do artista brasileiro Humberto Espíndola, vislumbramos uma relação de outra natureza com a figura do animal boi. Uma relação de comércio, explorada pelo agronegócio. Humano e animal boi são parte de um mesmo negócio, que gera lucros para os grandes pecuaristas da região centro-oeste do Brasil, região de Espíndola. A cartola com uma nota de cruzeiro impressa, moeda vigente na época em que a tela foi produzida, sinaliza que o ganho, nesse caso, é do humano. As cores da tela, um misto de preto com azul formando um terceiro tom meio acinzentado, põem em dúvida esse negócio lucrativo para apenas um lado.

Nas telas (figuras 2 e 3), que compõem a série *Bovinocultura*, além de o artista hibridizar o humano e o animal boi, também há códigos que remetem o leitor ao universo do agronegócio e das exposições agropecuárias, como medalhas, troféus e fitas condecoradas. No processo de hibridização, é possível dizer que Espíndola humaniza o animal boi, como forma de denúncia a um negócio que é lucrativo para o estado brasileiro de Mato Grosso do Sul, mas que não deixa de revelar a supremacia do humano em relação ao animal. A exploração do animal boi pode ser vista como subjugação do outro, se considerarmos, a exemplo de Lestel, que o animal é um sujeito. Na figura 2 os números no canto



esquerdo superior da tela nos lembram o chamado “gado de corte”, o gado pronto para o abate. Espíndola se solidariza com o animal. “O boi no brete ali é uma vítima, eu também pintei o boi como vítima, submisso” (citado por Mendes, 2015, p. 113).

As formas de vida animal, sem dúvida, são diferentes das formas de vida humana e, não obstante as diferenças, são viventes e é isso que deve ser levado em conta ao final, porque conforme diz Bentham “Eu não posso saber se os animais têm inteligência, se os animais têm alma, mas posso saber se os animais sofrem. Isso é o essencial da questão” (citado por Nunes, 2011, p. 17).



**Figura 1.** Humberto Espíndola, *Boi-Society*, 1967



**Figura 2.** Humberto Espíndola, *Bovinocultura*, 1968.



**Figura 3.** Humberto Espíndola, *Bovinocultura*, 1969.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, C.D (2007). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Derrida, J. (2004) Violência contra os animais. In: *De que amanhã: diálogos/Jacques Derrida; Elizabeth Roudinesco*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_ (2002) *O Animal que Logo Sou*. Tradução: Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP.

Espíndola, H, (1967) *Boi-Society*. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11783/boi-societyem>

\_\_\_\_\_. (1968). *Bovinocultura* . In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5663/bovinocultura>

\_\_\_\_\_. *Bovinocultura* (1969) . In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11785/bovinocultura>

Lestel, D. (2011). A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 23-53.

\_\_\_\_\_ (2001) *As Origens Animais da Cultura*. Tradução: Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget.

Lispector, C. (1984). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. C (1998). *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.

Maciel, M E. (2016) *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_. (2011)(Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: UFSC.

Mendes, C. (2015). *Poéticas da animalidade literária*: diálogos entre o humano e o não humano. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/2522>

Montaigne, M. (2000). *Ensaaios*. V. 1. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Viva Cultural.

Nunes, B. (2011). O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. In: Maciel, M. E. (org.). *Pensar/escrever o animal*: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora da UFSC. p. 13- 22.

Rosa, G. (2009). *Ave palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. (2006) *Grande sertão*. Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.